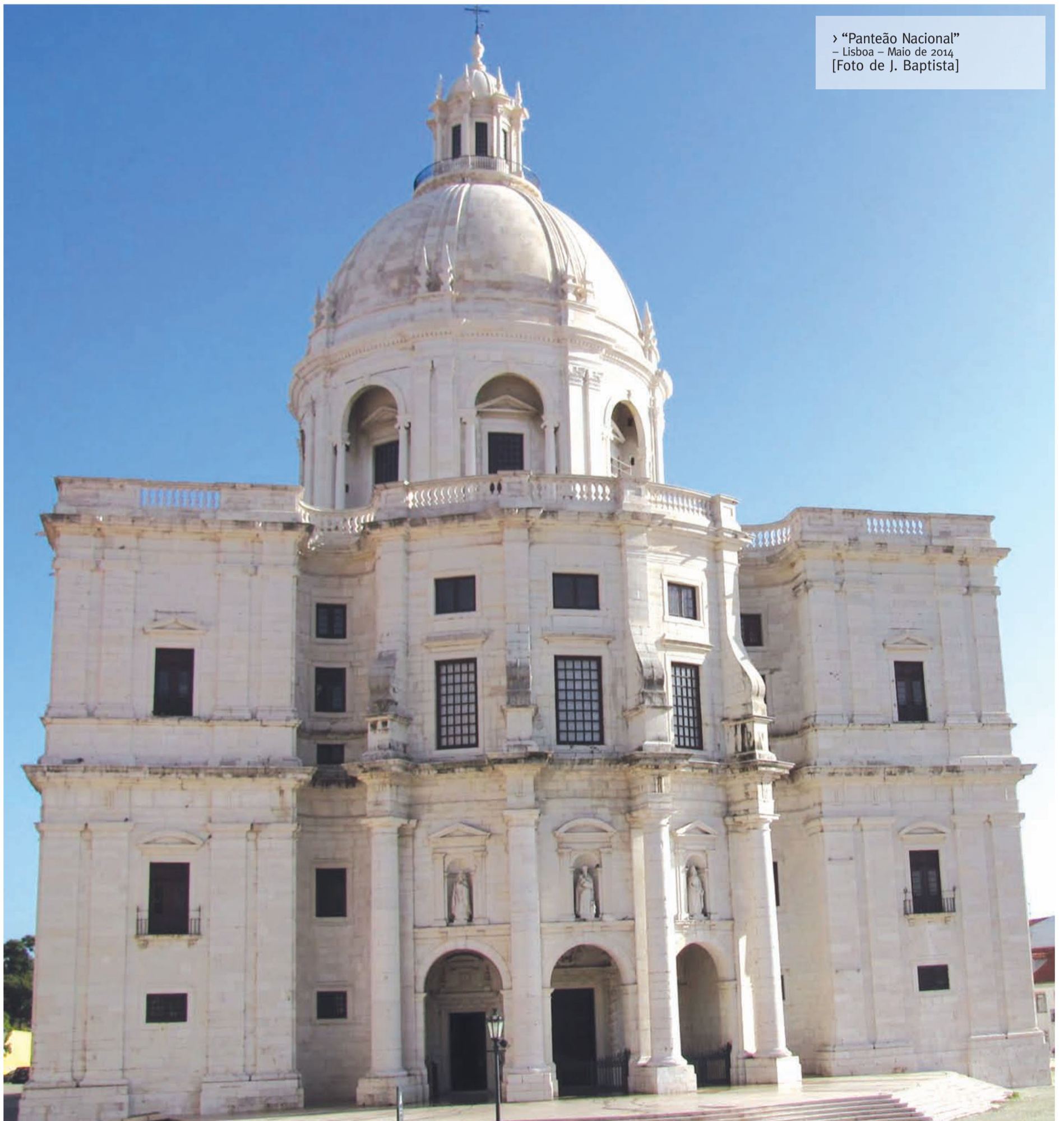


Cultura

QUARTA-FEIRA • 2 DE JULHO DE 2014

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30360 de 2 de julho de 2014, do jornal *Diário do Minho*, não podendo ser vendido separadamente



› “Panteão Nacional”
– Lisboa – Maio de 2014
[Foto de J. Baptista]

Os laureados com o Nobel da Literatura ⁽²³⁾

Por J. A. Baptista



George Bernard Shaw venceu o Prémio Nobel em 1925

– Mais um grande romancista e dramaturgo irlandês

George Bernard Shaw nasceu em Dublin (Irlanda) a 26 de julho de 1856 e morreu em Ayot Saint Lawrence no dia 2 de novembro de 1950. Dramaturgo, romancista, contista, ensaísta e jornalista irlandês, foi (e continua a ser ainda hoje) um dos nomes mais marcantes da literatura europeia. Co-fundador da "London School of Economics", foi também o autor de comédias satíricas de espírito irreverente e inconformista.

Socialista ardente, escreveu muitos folhetos e discursos para o chamado "socialismo fabiano", sobretudo depois de tomar consciência da exploração a que estava a ser sujeita a classe operária nas duas primeiras décadas do século XX. Entre as causas que defendeu, destaca-se também a sua luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres. Até hoje, Bernard Shaw foi o úni-

co literato de renome a vencer o Prémio Nobel de Literatura (1925) e um Oscar (1938) – este último conquistado pela magnífica obra teatral intitulada "Pigmaleão", que foi adaptada ao cinema, obtendo enorme sucesso de bilheteira. Shaw tinha uma personalidade recatada, manifestando mesmo o seu desejo de recusar o Prémio Nobel (acabou por aceitá-lo depois de muita insistência da esposa, que considerava esse galardão como uma grande homenagem, não tanto ao romancista, mas à própria Irlanda).

As suas últimas obras estão impregnadas de uma linguagem simbólica, onde impera a tragico-média. Entre as suas produções, nomeadamente as traduzidas em português, destacam-se "A profissão da sra. Warren" (1893), "O famoso ídolo" (1896), "Casamento desigual" (1905) e "O Pigmaleão". ▶

3 poemas inéditos de Valdemar Silva (Trofa, Abril de 2014)

Quando eu morrer...

Quando eu morrer
Quero que os sinos toquem Aleluia
em vez de "a defuntos"..
E, sem choros, cantem o *Requiem* de Bach.
Cantem a alegria da vida terrena
e um nostálgico pensamento humano!
(Talvez um dia, nesse Além,
consigamos encontrar-nos!)
Quando eu morrer
Deixarei de existir fisicamente
Neste labiríntico mundo controverso,
De certezas e incertezas tão vividas..
No Além, chorarei os prazeres mundanos,
chorarei a beleza terrena..
Mas hei-de contemplar o astro-rei,
senhor que dá vida ao espaço cósmico!
Quando eu morrer,
Estarei em paz com Deus e com os Anjos
e com todas as criaturas da terra e dos céus,
Visíveis e invisíveis!
Até sempre, sempre, sempre..
Até nunca, nunca, nunca mais!

Poema do Outono

Cai a chuva neste princípio de Outono,
A noite entra pela escuridão da janela
De certezas sempre límpidas e iguais.
Depois de uma tarde feliz,
Bate a chuva na vidraça uma vez mais!
Quão suave é vê-la cair..
Fertiliza a terra e mata a sede aos animais,
Sempre em constante mutação de bâtegas..
A chuva cai!
Cai a chuva neste mundo labiríntico,
De tanta sede anunciada,
Para consolar as pobres aves
E o resto dos mortais..
Cai a chuva uma vez mais!

Poema ao Sol

Ó deus dos deuses,
Bendito tu sejas, ó Sol,
Que em cada alvorada que nasce
Dás vida a quem quer vida;
deus sublime tu és, ó Sol;
deus és tu, rei do universo terreno,
senhor que dá vida à água pura e cristalina
das fontes, dos oceanos, dos rios e dos mares!
Eu amo-te tanto como a própria vida,
Porque tu és vida que dá vida aos mortais!
E nunca deixarei de te amar
porque tu, ó Sol, não pertences aos mortais!
"Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma"..
Mas se há um Deus, por que não serás tu, ó Sol?
Tu, que nunca mudas e que vens até mim todos os dias!



Às vezes, sem se saber ou sentir, percorrem-se caminhos
travessos, por onde não se quer ir nem vir..
nesses locais ou lugares, perversos, transita-se entre seres
inauditos, animais viscerais, alguns eruditos..
bucólicos esses sítios...

ouve-se chilrear pardais, guturais; miar os felinos, ladinos; rosnar canitos, aflitos;
passos e passadas, ora lentas, ora apressadas, rangeres de portas, as vezes soltas, as vezes tortas
máquinas com motores em ebulição, seus pneus entre ruas, ruelas, pracetas e ribanceiras,
sempre e sempre em enormes gincaneiras..
vão-se sonhando os dias, vão-se contando as horas,
vão-se dedilhando os minutos, vivendo-se os segundos,
entre repentes, há procura de momentos que se querem argutos..
sedentos estes sinais..
relentos e proscritos...

Rui Filipe Lima (Inédito. Abril de 2014)

A árvore dos patafúrdios



Dr. Egídio Guimarães (1914 / 1990)

Não é fácil, em cima do momento em que nos deixa uma pessoa a que estamos profissional e afectivamente ligados, escrever algo de jeito sobre a sua figura.

É o que me sucede relativamente ao Dr. Egídio Guimarães (1914/1990), mas tentarei responder, do modo que posso, ao desafio a que me propus.

Conheci-o já há muitos anos, como leitor da Biblioteca Pública, que no início dos anos 60 eu frequentava. Posteriormente, quando o meu pai, dr. Viriato Nunes, foi Presidente da Câmara Municipal e o Dr. Egídio Guimarães seu vereador da Cultura, foram inúmeros os contactos que com ele mantive, sobretudo por causa de Bracara Augusta e da arqueologia.

O dr. Egídio Guimarães era uma das figuras de maior relevo da Braga cultural das décadas de 50 a 70 do século passado, podendo-se afirmar que nenhum dos grandes acontecimentos culturais desse período lhe passou ao lado, distinguindo-se pelo seu saber, pela sua nobreza de carácter e por ter sempre aberta a porta a todos quantos lhe pediam apoio.

Quando em 1972 comecei a preparar a minha tese de licenciatura, sobre escultura castreja e romana a norte do Douro, frequentemente recorri aos seus conhecimentos, recebendo-me ele sempre com o modo afável que o caracterizava,

ajudando-me na pesquisa bibliográfica ou facultando-me o acesso ao Museu D. Diogo de Sousa, pelo qual era responsável, no qual se localizavam peças que interessavam para o meu trabalho.

Terminado o meu curso de Bibliotecário-Arquivista, em Outubro de 1974, e pretendendo vir trabalhar para a Biblioteca Pública de Braga, foi a ele que me dirigi e sei que recebeu com enorme agrado a minha pretensão. Porém, na altura já estava em curso a integração da BPB na Universidade do Minho, não sendo possível a minha entrada imediata, que felizmente se concretizou muito pouco tempo depois, mas através dos Serviços de Documentação da nova universidade.

Fui assim, bibliotecário neófito, colega do Dr. Egídio, que sempre me acarinhou e orientou, facultando-me muito do seu imenso saber sobre Braga, a sua história, as suas figuras ou a sua bibliografia e, naturalmente sobre a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga e o palácio que ocupava.

Mas as nossas relações estreitaram-se por causa do processo do Salvamento de Bracara Augusta, em cuja origem o Dr. Egídio Guimarães também esteve. Em 1976 fez parte da CODEP (Comissão de Defesa do Património), da qual nasceu a ASPA, de que o Dr. Egídio Guimarães, inevitavelmente foi o sócio

Dr. Egídio Amorim Guimarães um bracarense sabedor e afável*

nº 1, sabendo sempre honrar essa qualidade.

Nos momentos mais difíceis da vida da Associação, nos embates mais polémicos com a Câmara Municipal, manteve-se sempre solidário, coerentemente solidário com os Conselhos Directivos que elegeram e apoiou da maneira que podia. Devo recordar que nas Assembleias Gerais a que não podia estar presente, tinha sempre o cuidado de se fazer representar dando-me a honra e a confiança de o fazer em diversas ocasiões.

Ele no Arquivo Distrital, eu na Biblioteca Pública, convivemos e contactámos profissionalmente até 1983, ano da sua aposentação, recebendo, sempre que necessário a sua ajuda, a sua orientação, o seu conselho amigo, beneficiando do seu saber e da sua experiência.

O seu afastamento dificilmente compreensível do cargo da direcção da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga (de que foi o último director, tendo mantido relações excepcionais com muitos investigadores, a quem sempre soube abrir as portas da instituição, dos quais por agora apenas cito Robert C. Smith) amachucou-o bastante, mas a sua maneira discreta e elegante de estar na vida

impediu-o de se manifestar publicamente, continuando a exercer com grande dignidade as funções de responsável do Arquivo Distrital, tendo para tal sido nomeado pelo reitor da Universidade do Minho, Prof. Lúcio Craveiro da Silva, em 1982.

Já depois de aposentado, aparecia todos os dias no Arquivo, onde mantinha o seu gabinete e então, liberto das tarefas burocráticas, teve mais tempo para se dedicar à escrita e à investigação, publicando uma série de trabalhos sobre Braga e algumas das suas figuras de relevo e também sobre a Póvoa de Varzim, terra da sua naturalidade. Infelizmente não teve tempo de concluir e organizar uma exaustiva bibliografia bracarense, que há anos recolhia. Fez, contudo, uma breve incursão na ficção, publicando em 1986 o conto "O meu amigo Gervásio e a sua filha catedrática". Contribuí decisivamente para a publicação da obra póstuma de João de Moura Coutinho sobre S. Frutuoso de Montélios e do 1º volume dos "Dispersos" de Manuel Monteiro, edições da ASPA, e para a "Mínia" (nº 7, 1983) escreveu o artigo "Morte e ressurreição de um palácio", interessante evocação da história do edifício do antigo Paço Arquiepiscopal, do qual a Universidade do Minho editou uma separata em 1985.

A Biblioteca Pública ficou ainda a dever-lhe, por exemplo, a doação do espólio musical de Álvaro Carneiro que, graças à sua persistência, nela deu entrada no final da década de 80.

Estive com o Dr. Egídio Guimarães, pela última vez, no dia 19 de Novembro de 1990, na Biblioteca. Trazia comigo o Altino do Tojal, para

combinarmos a próxima sessão de "Um escritor apresenta-se" para a qual ele tinha sido convidado. Era difícil vencer a relutância e a timidez do escritor bracarense, mas o Dr. Egídio, que em 1964 ajudou ao seu lançamento e prefaciou o seu primeiro livro "Sardinhas e Lua" (o qual depois se transformou no best-seller conhecido sob o título de "Os putos"), lá o conseguiu convencer. Será em Março de 1991, mas já não é o Dr. Egídio quem o vai apresentar, conforme tínhamos combinado. "Que pena!", acrescento eu, parafraseando o título de um conto do Altino.

Muitas coisas me podiam afastar do Dr. Egídio Guimarães, da religião à política (por vezes ele discordava mansamente das minhas opiniões sobre o período salazarista), passando pela maneira de estar ou enfrentar a vida. Mas uniram-nos sempre objectivos comuns, pelos quais, cada um à sua maneira, sempre lutámos, desde a defesa do património cultural de Braga à dignificação da BPADB que, sob a sua direcção, perante o desinteresse do poder central do regime deposto pelo 25 de Abril, entre 1970 e 1975 (e mesmo muito antes), atravessou períodos de grandes dificuldades, que a integração na Universidade do Minho ajudaram a ultrapassar. E isso aproximou-nos, criou em mim uma forte amizade e um grande respeito e carinho, que agora se confunde com a saudade. ■

Henrique Barreto Nunes

** Este texto reproduz, com ligeiras alterações, um artigo publicado no "Minho Semanário" em 26 Dez 1990, p.12. Em próximo escrito debruçar-me-ei sobre a bibliografia e outros aspectos da vida do Dr. Egídio Guimarães.*



A poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, cujos restos mortais serão hoje trasladados para o Panteão Nacional, nasceu no Porto no dia 6 de novembro de 1919 e faleceu em Lisboa a 2 de julho de 2004. Considerada uma das mais importantes poetisas da História da Literatura lusitana, foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da nossa língua: o Prémio Camões (em 1999). Filha de Maria Amélia de Mello Breyner e de João Henrique Andresen, Sophia tem origem dinamarquesa pelo lado paterno. O seu bisavô, Jan Heinrich Andresen, veio viver para a cidade do Porto e nunca mais abandonou a região. O seu filho João Henrique (pai de Sophia) comprou, em 1895, a Quinta do Campo Alegre, onde atualmente funciona o Jardim Botânico (Porto). A propósito desta quinta, a poetisa, numa entrevista divulgada em 1993, considerou que ela "foi um território fabuloso, com uma grande e rica família servida por uma criadagem numerosa". A mãe, Maria Amélia de Mello Breyner, era filha do conde de Mafra, médico e amigo do rei Dom Carlos. Maria Amélia foi também neta do conde Henrique de Burnay, um dos homens mais ricos do seu tempo. Criada na velha aristocracia portuguesa e educada nos valores tradicionais da moral cristã, Sophia foi dirigente de movimentos universitários católicos quando frequentava o curso de Filologia Clássica na Universidade de Lisboa (1936-39), que nunca chegou a concluir. Colaborou na revista *Cadernos de Poesia*, onde fez amizades com autores tão influentes e reconhecidos como Ruy Cinatti e Jorge de Sena. A sua "consciência social" levou-a a tornar-se uma das figuras mais representativas de uma atitude

política liberal, apoiando o movimento monárquico e denunciando o regime salazarista e os seus seguidores. Recorde-se que viria a ficar célebre como "canção de intervenção" a sua "Cantata da Paz", popularizada pelo refrão "Vemos, Ouvimos e Lemos. Não podemos ignorar!" Sophia de Mello Breyner Andresen casou, em 1946, com o jornalista, político e advogado Francisco Sousa Tavares – e foi mãe de uma professora universitária de Letras, de um jornalista e escritor (Miguel Sousa Tavares), de um pintor e ceramista, e de mais uma filha que é terapeuta ocupacional e herdou o nome da mãe. Em 1964, Sophia recebeu o "Grande Prémio de Poesia" da Sociedade Portuguesa de Escritores pelo volume *Livro Sexto*. Já depois do "25 de Abril", foi eleita para a Assembleia Constituinte, em 1975, pelo círculo do Porto, numa lista do Partido Socialista. Para além de poetisa de enorme talento, distinguiu-se também como contista (sendo muito conhecidos os seus belos *Contos Exemplares*) e autora de vários livros infantis – com destaque para títulos de grande sucesso junto dos mais novos, como *A Menina do Mar*, *O Cavaleiro da Dinamarca*, *A Floresta*, *O Rapaz de Bronze*, *A Fada Oriana*, etc.. Foi ainda tradutora de Dante Alighieri e de Shakespeare e membro da Academia das Ciências de Lisboa. Para além do já referido "Prémio Camões", foi também distinguida com o prestigiado "Prémio Rainha Sofia", em 2003. Sophia faleceu aos 84 anos de idade e o seu corpo foi sepultado no Cemitério de Carnide, onde tem permanecido até hoje – dia em que será trasladado para a igreja de Santa Engrácia (Panteão Nacional), na sequência de uma decisão da Assembleia da Repú-

blica, tomada em 20 de Fevereiro de 2014, que por unanimidade deliberou homenagear dessa forma a talentosa poetisa. Desde 2005, vários dos seus poemas com forte ligação ao Mar estão reproduzidos no Oceanário de Lisboa, para leitura permanente nas zonas de descanso da exposição, permitindo aos visitantes absorverem a força da sua escrita enquanto estão imersos numa visão de fundo do mar. Do período da infância e da juventude, a poetisa recordava sobretudo a importância das casas, lembrança que teve grande impacto na sua obra literária, ao descrever as casas e os objectos que estas abrigam. A própria Sophia explicou isso do seguinte modo: "Tenho muita memória visual e lembro-me sempre das casas, quarto por quarto, móvel por móvel, e lembro-me de muitas casas que desapareceram da minha vida (...). Eu tento «representar», quer dizer, «voltar a tornar presentes» as coisas de que gostei e é isso o que se passa com as casas: quero que a memória delas não vá à deriva, não se perca". Outra das "linhas de força" muito presentes na obra poética de Sophia é a ideia de que a poesia é um valor transformador fundamental. A sua produção corresponde a ciclos específicos, com a culminação da actividade da escrita durante a noite: "não consigo escrever de manhã, (...) preciso daquela concentração especial que se vai criando pela noite fora", dirá. A vivência nocturna da escritora é sublinhada em vários poemas (como, por exemplo, em "Noite", "O luar", "O jardim e a noite", "Noite de Abril", "Ó noite", etc.). Um dos aspetos interessantes da sua produção poética é o facto de Sophia "aceitar" a ideia de "inspiração", afirmando mesmo

Os restos mortais da poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen serão trasladados hoje, 2 de julho, para o Panteão Nacional, em Lisboa. A transladação ocorre no dia em que passam dez anos sobre a data da morte da escritora. O percurso para



Em fevereiro deste ano (2014), o Parlamento aprovou por unanimidade a concessão de honras de Panteão Nacional a Sophia de Mello Breyner Andresen. Nessa resolução, os deputados afirmaram que a transladação é uma forma de homenagear "a escritora universal, a mulher digna, a cidadã corajosa, a portuguesa insigne" e evocar "o seu exemplo de fidelidade aos valores da liberdade e da justiça". Sustentando a decisão da transladação, os deputados afirmaram ainda que para Sophia "a intervenção política fez-se sempre por imperativos morais e poéticos".

**Sop
no Panteão**

a trasladação – do cemitério de Carnide para a igreja de Santa Engrácia (Panteão Nacional) – inclui uma passagem pela Capela do Rato, onde será celebrada uma missa, e pela Assembleia da República, onde a poetisa exerceu funções de deputada.



Sophia

o Nacional

que a sua poesia lhe *acontecia*, como a Fernando Pessoa: "Fernando Pessoa dizia: «Aconteceu-me um poema». A minha maneira de escrever fundamental é muito próxima deste «acontecer». (...) Encontrei a poesia antes de saber que havia literatura. Pensava mesmo que os poemas não eram escritos por ninguém, que existiam em si mesmos, por si mesmos, que eram como que um elemento do natural, que estavam suspensos imanentes (...). É difícil descrever o fazer de um poema. Há sempre uma parte que não consigo distinguir, uma parte que se passa na zona onde eu não vejo."

Neste contexto, pode mesmo afirmar-se que a sua própria vida e as suas lembranças são uma "inspiração" para a poetisa, porquanto (como salienta Dulce Maria Quintela) ela "fala de si, através da sua poesia". Sophia de Mello Breyner Andresen *fez-se poeta* já na sua infância, quando, tendo apenas três anos, lhe foi ensinada "A Nau Catrineta" pela sua ama: "Havia em minha casa uma criada, chamada Laura, de quem eu gostava muito. Era uma mulher jovem, loira, muito bonita. A Laura ensinou-me a *Nau Catrineta* porque havia um primo meu mais velho a quem tinham feito aprender um poema para dizer no Natal e ela não quis que eu ficasse atrás... Fui um fenómeno a recitar a *Nau Catrineta*, toda. Mas há mais encontros, encontros fundamentais com a poesia: a recitação da *Magnífica*, nas noites de trovoada, por exemplo. Quando éramos um pouco mais velhos, tínhamos uma governanta que nessas noites queimava alecrim, acendia uma vela e rezava. Era um ambiente misto de religião e magia... E de certa forma nessas noites de temporal nasceram muitas coisas. Inclusivamente, uma certa preocupação social e humana ou a minha primeira consciência da dureza da vida dos outros, porque essa governanta dizia: «Agora andam os pescadores no mar, vamos rezar para que eles cheguem a terra»".

A *infância* e juventude constituem para Sophia um espaço de referência (veja-se, por exemplo, os poemas "O Jardim e a Casa", "Casa Branca", "Jardim Perdido" e "Jardim e a Noite" – *Poesia*, 1944; e "Casa", *Geografia*, 1967).

O contacto com a Natureza também marcou profundamente a sua obra. Esta era para a poetisa um exemplo de liberdade, beleza, perfeição e mistério – e

é largamente citada da sua obra, quer em alusões à terra (árvores, pássaros, o luar...), quer nas frequentes referências que faz ao mar (praia, conchas, ondas...). O **Mar** é, aliás, um dos conceitos fundamentais da criação literária de Sophia: "Desde a orla do mar / Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim". O efeito literário da inspiração no Mar pode constatar-se em vários poemas, como, por exemplo, em "Homens à beira-mar" ou "Mulheres à beira-mar". A poetisa comenta este aspeto do seguinte modo: "Esses poemas têm a ver com as manhãs da Granja, com as manhãs da praia. E também com um quadro de Picasso. Há um quadro de Picasso chamado *Mulheres à beira-mar*. Ninguém dirá que a pintura do Picasso e a poesia de Lorca tenham tido uma enorme influência na minha poesia, sobretudo na época do *Coral*... E uma das influências do Picasso em mim foi levar-me a deslocar as imagens." Outros exemplos em que claramente se percebe o motivo do Mar são: "Mar" (em *Poesia*, 1944); "Inicial" (em *Dual*, 1972); "Praia" (em *No Tempo Dividido*); "Praia" (em *Coral*, 1950); "Açores" (em *O Nome das Coisas*, 1977), etc.. Neles exprime uma espécie de "obsessão" pelo mar, pelo seu encantamento, pela sua beleza, pela sua serenidade e seus "mitos". O Mar surge, na poética de Sophia, como símbolo da dinâmica da vida: tudo vem dele e tudo a ele regressa! É o espaço

da vida, das transformações e da morte...

A **Cidade** constitui outro motivo frequentemente repetido na obra literária de Sophia (veja-se, por exemplo, os poemas "Cidade", incluído no *Livro Sexto*, 1962; "Há Cidades Acesas", em *Poesia*, 1944; e "Fúrias", em *Ilhas*, 1989). A cidade é, para ela, um "espaço negativo": representa o mundo frio, artificial, hostil e desumanizado – precisamente o oposto da Natureza, onde ela encontra "agasalho" e segurança.

Outro tópico acentuado com frequência na obra de Sophia é o **Tempo**: o "tempo dividido" e o "tempo absoluto", que se opõem na sua poética. O primeiro é o tempo da solidão, do medo e da mentira, enquanto o "tempo absoluto" é eterno, une a vida e é o tempo dos valores morais (veja-se "Este é o Tempo", *Mar Novo*, 1958, e "O Tempo Dividido", *No Tempo Dividido*, 1954). Segundo Eduardo Prado Coelho, o "tempo dividido" presente na obra de Sophia é o tempo do exílio da casa, associado com a cidade, porque a cidade é também feita pelo torcer de tempo, pela degradação... Sophia de Mello Breyner Andresen era, também, uma grande admiradora da **literatura clássica**. Nos seus poemas aparecem frequentemente palavras de grafia antiga (Eurydice, Delphos, Amphora). O culto pela arte e tradição próprias da civilização grega são-lhe próximos e transparecem frequentemente na sua obra literária (como no caso dos

MAR

I

**De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais profundo
Aquela praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.**

II

**Cheiro a terra as árvores e o vento
Que a Primavera enche de perfumes
Mas neles só quero e só procuro
A selvagem exalação das ondas
Subindo para os astros como um grito puro.**

Sophia (*Poesia I*, 1944)

poemas "O Rei de Ítaca" e "Exílio", em *O Nome das Coisas*, 1977; "Os Gregos", em *Dual*, 1972; "Soneto de Eurydice", em *No Tempo Dividido*; "Crepúsculo dos Deuses", em *Geografia*; "O Rei de Ítaca"; "Ressurgiremos", em *Livro Sexto*, 1962 – etc.).

Além dos aspectos temáticos atrás referidos, vários autores têm sublinhado a enorme influência da obra de Fernando Pessoa na produção poética de Sophia de Mello Breyner Andresen. Alguns dos aspectos que os dois autores têm em comum são a influência da "filosofia" platónica, o apelo ao infinito, a memória de infância, o sebastianismo e o messianismo, e o "tom formal"

que evoca Álvaro de Campos. A própria "personalidade" de Fernando Pessoa encontra-se evocada múltiplas vezes nos poemas de Sophia (veja-se, por exemplo, "Homenagem a Ricardo Reis", *Dual*, 1972; "Cíclades (evocando Fernando Pessoa)", *O Nome das Coisas*, 1977).

Em termos gerais, o "universo temático" da poetisa é muito abrangente – mas pode ser "representado" pelos seguintes tópicos: a busca da justiça, do equilíbrio, da harmonia e a exigência da moral; tomada de consciência do tempo em que vivemos; a Natureza e o Mar, tidos como espaços referenciais; O tema da casa; o Amor; a vida em oposição à morte; a memória da

Infância; os valores da Antiguidade Clássica, centrados no naturalismo helénico; o idealismo e o individualismo ao nível psicológico; o poeta como "pastor do absoluto"; o humanismo cristão; a crença em valores messiânicos e sebastianistas; a separação...

Quanto ao estilo/ linguagem de Sophia de Mello Breyner Andresen, constatamos que tem como "marcas" mais evidentes o valor hierático da palavra, a expressão rigorosa, o apelo à visão clarificadora, a riqueza de símbolos e alegorias, sinestias e ritmo evocador de uma dimensão ritual. Nota-se ainda uma "transparência da palavra na sua relação da linguagem com

as coisas, a luminosidade de um mundo onde intelecto e ritmo se harmonizam na forma melódica, perfeita".

A obra de Sophia tem sido estudada e analisada por inúmeros investigadores, pensadores e críticos literários – que são unânimes e considerar a produção poética da autora como de ímpar qualidade literária e "humanista". O filósofo Eduardo Lourenço é um dos apreciadores da obra de Sophia, salientando que há nela uma sabedoria "mais funda do que o simples saber"; o seu conhecimento íntimo é imenso e a sua reflexão, por mais profunda que seja, está exposta numa simplicidade original.

"A sua sensibilidade de poeta

oscila entre o modernismo de expressão e um classicismo de tom, caracterizado por uma sobriedade extremamente dominada e por uma lucidez dialéctica que coloca muitas das suas composições na linha dos nossos melhores clássicos."

Também o falecido professor universitário e eminente poeta David Mourão-Ferreira salienta, na obra *Vinte Poetas Contemporâneos*, que Sophia é "um caso ímpar na poesia portuguesa, não só pela difusa sedução dos temas ou pelos rigores da expressão, mas sobretudo por qualquer coisa, anterior a isso tudo, em que tudo isso se reflecte: uma rara exigência de essencialidade".

O grande poeta Jorge de Sena

Com cerca de 600 poemas publicados, a actividade literária (e política) de Sophia de Mello Breyner Andresen pautou-se sempre pelas ideias de justiça, liberdade e integridade moral. A depuração, o equilíbrio e a limpidez da linguagem poética, a presença constante da Natureza, a atenção permanente aos problemas e à tragicidade da vida humana são reflexo de uma formação clássica, com leituras, por exemplo, de Homero, durante a juventude. Colaborou nas revistas *Cadernos de Poesia* (1940), *Távola Redonda* (1950) e *Árvore* (1951) e conviveu com nomes da literatura como Miguel Torga, Ruy Cinatti e Jorge de Sena.

Na lírica, estreou-se com *Poesia* (1944), a que se seguiram *Dia do Mar* (1947), *Coral* (1950), *No Tempo Dividido* (1954), *Mar Novo* (1958), *O Cristo Cigano* (1961), *Livro Sexto* (1962, Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores), *Geografia* (1967), *Dual* (1972), *O Nome das Coisas* (1977, Prémio Teixeira de Pascoaes), *Navegações* (1977-82) e *Ilhas* (1989). Este último voltou a ser publicado em 1996, numa edição de poemas escolhidos acompanhada de fotografias de Daniel Blaufuks. Em 1968, foi publicada uma *Antologia* e, entre 1990 e 1992, surgiram



três volumes da sua *Obra Poética*. Seguiram-se os títulos *Musa* (1994) e *O Búzio de Cós* (1997). Colaborou ainda com Júlio Resende na organização de um livro para a infância e juventude, intitulado *Primeiro Livro de Poesia* (1993).

Em prosa, escreveu *O Rapaz de Bronze* (1956), *Contos Exemplares* (1962), *Histórias da Terra e do Mar* (1984) e os contos infantis *A Fada Oriana* (1958), *A Menina do Mar* (1958), *Noite de Natal* (1959), *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964) e

A Floresta (1968). É ainda autora dos ensaios *Cecília Meireles* (1958), *Poesia e Realidade* (1960) e *O Nu na Antiguidade Clássica* (1975), para além de trabalhos de tradução de Dante, Shakespeare e Eurípedes. A sua obra literária encontra-se parcialmente traduzida em França, Itália e nos Estados Unidos da América. Em 1994 recebeu o "Prémio Vida Literária", da Associação Portuguesa de Escritores, e no ano seguinte o "Prémio Petrarca", da Associação de Editores Italianos. O seu valor, como poetisa e figura da cultura portuguesa, foi também reconhecido através da atribuição do "Prémio Camões", em 1999. Em 2001, foi distinguida com o "Prémio Max Jacob de Poesia", num ano em que o prémio foi excepcionalmente alargado a poetas de língua estrangeira. Em agosto do mesmo ano, foi lançada a antologia poética "Mar". Em outubro publicou o livro "O Colar". Em dezembro, saiu a obra poética "Orpheu e Eurydice", onde o *orphismo* está, mais uma vez, presente, bem como o amor entre Orpheu, símbolo dos poetas, e Euridice, que a autora recupera num sentido diverso do instaurado pela tradição helénica. A poetisa foi ainda galardoada com o prestigiado "Prémio Rainha Sofia". ▶

Biografia

Tive amigos que morriam, amigos que partiam
Outros quebravam o seu rosto contra o tempo.
Odiei o que era fácil.
Procurei-me na luz, no mar, no vento.

Sophia (*Mar Novo*, 1958)

foi outro homem da cultura que apreciou imenso a obra de Sophia. Já em 1959 a considerava "uma das vozes mais nobres da poesia portuguesa do nosso tempo. Entendamos, por sob a música dos seus versos, um apelo generoso, uma comunhão humana, um calor de vida, uma franqueza rude no amor, um clamor irredutível de liberdade – aos quais, como o poeta ensina, devemos erguer-nos sem compromissos nem vacilações." (cf. Jorge de Sena, "Alguns Poetas de 1938", in *Colóquio Artes e Letras*, n.º 1, Janeiro de 1959).

Uma das análises mais lúcidas da poética de Sophia de Mello Breyner Andresen foi feita pelo jornalista e escritor José Carlos de Vasconcelos numa introdução ao livro "Cem Poemas de Sophia", editado em 2004 (ano da morte da poetisa) pela revista *Visão* e pelo *Jornal de Letras*. Nesse artigo, aquele jornalista salienta o seguinte:

«Para Sophia, a poesia é uma incessante perseguição do real, do concreto, e a sua "explicação com o universo": *A minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e as imagens*, sublinha. Essência e transparência coincidem no esplendor dos seus poemas. Coincidem, fundem-se, são inseparáveis: o essencial e o *elemental* numa expressão límpida e misteriosa, os versos sílaba a sílaba esculpidos, de ritmo encantatório, de elegância e beleza fascinantes. Com uma tal dignidade de dicção, que às vezes parece de uma distância olímpica – e afinal é a de alguém tão no meio de nós».

E José Carlos de Vasconcelos prossegue: «Há uma *inteireza* do poema, como há uma *inteireza*

da poeta. Por outras palavras: *inteireza* poética, ética e cívica da mulher para quem a poesia é uma moral, uma forma de ser. *No quadro sensível do poema vejo para onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida*, escreveu Sophia a terminar a segunda das suas cinco "artes poéticas" (...).

Sobre o "estilo" presente na obra de Sophia, José Carlos de Vasconcelos acrescenta:

«(...) sem nunca perder a intensa luminosidade, a nudez, a força e até o registo iniciais, nem abandonar os temas de sempre, navega também por e para outras paragens. Sophia é e será *a irmã da majestade subtil de Pascoaes e das grandes odes de Álvaro de Campos* (Jorge de Sena); mas a sua agudíssima e certeiríssima "atenção" ao essencial (que pressupõe completa desatenção ao acessório...), alarga-se a outros e diversificados mundos. *No Tempo Dividido*, não representando nenhuma ruptura (não há rupturas na obra de Sophia), como logo o título sugere é um marco divisório: *A liberdade que dos deuses esperava / Quebrou-se. As rosas que eu colhia, / Transparentes no tempo luminoso, / Morreram com o tempo que as abria.*»

Um dos poemas mais "célebres" e mais citados de Sophia, publicado no livro *O Nome das Coisas* (1977), tem por título "25 de Abril". Nele, a poetisa cujos restos mortais serão hoje trasladados para o Panteão Nacional afirma: *Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo.* ▀

Miguel de Mello



Quando

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão-de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Sophia (*Dia do Mar*, 1947)

Ícones
do século

Che Guevara

– O mito imorredouro do movimento contracultural



POR

FERNANDO PINHEIRO

ESCRITOR

“Deixe dizer-lhe, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor.”

in *El Socialismo y el Hombre en Cuba*
– carta dirigida a Carlos Quijano, do semanário “Marcha” e publicada em 12 de Março de 1965

Ernesto Rafael Guevara de la Serna, quando nasceu em Rosário, Argentina, em junho de 1928, estava longe de imaginar que se iria tornar num dos mais famosos mitos do mundo contemporâneo. Sendo filho de uma família aristocrata, embora já em declínio económico, e não gozando de grande saúde, por ter contraído asma, nada fazia prever que acabasse a sua curta vida na condição de guerrilheiro anarquista. Depois de aventuras rocambolescas (como a volta à Argentina em bicicleta), viagens de moto pelo continente, trabalho em leprosas, Che Guevara, ao cabo de 39 anos, cairia numa emboscada montada pelos *rangers* do exército boliviano, no dia 8 de outubro de 1967, e seria morto no dia seguinte pelo capitão Prado.

A fotografia de Alberto Korda, que reproduz o Che com madeixas soltas debaixo de uma gorra basca, no alto da qual aparece espetada uma estrela de cinco pontas, e divulgada pela revista *Paris Match* em 1967, pouco antes da sua morte, tornou-se numa imagem mundialmente conhecida, e ajudou a transformar o guerrilheiro argentino num herói dos novos tempos, à escala planetária. De resto, para a revista atrás citada, a foto de Korda é a imagem mais reproduzida no mundo moderno depois de algumas reproduções igualmente célebres de Jesus Cristo,

e constitui um dos principais símbolos do movimento contracultural das gerações urbanas. E até mesmo a insuspeita *Time*, revista americana, inclui Che Guevara na lista das cem personalidades mais influentes do séc. XX.

Tanto a vida aventureira como as ocorrências misteriosas da morte deste revolucionário estiveram na origem do aparecimento de uma lenda tão extraordinária, que logo começou a ser trabalhada em diferentes registos artísticos e documentais. E se a foto de Korda serviu para a reprodução de milhões de posters e cartazes (que os estudantes universitários, e não só, colaram nas paredes dos seus quartos), também serviu para que muitas vedetas do *star system* passassem a ostentar no corpo tatuagens com a efígie do “comandante”, como foi o caso de Maradona e Myke Tyson; e até mesmo a modelo brasileira Gisele Bündchen envergou um biquíni com imagens estampadas do Che. Segundo consta, Evo Morales, presidente da Bolívia, tem no seu gabinete um desenho do Che feito com folhas de coca sobrepostas.

Biografias, romances, documentários, ensaios, pinturas, esculturas, selos, cartazes, monumentos, anúncios e filmes como *Diários de Motocicleta* (2004), e *Che* (2008) mantêm viva a fama de uma figura que continua a apaixonar a opinião pública mundial, mercê de um percurso de vida e de uma ação revolucionária que nem sempre colheu a adesão do povo e a tolerância dos seus adversários. Muitos dos seus críticos dizem que ele esteve longe de ser um humanista, não só por ser adepto da luta armada para a resolução dos problemas do povo, mas por ter usado a força para combater a dissidência. São-lhe imputados fuzilamentos sumários, pelo *site* Cuba Archive (New Jersey), que se ocupa de violações de direitos humanos desde 1996, sobretudo na época em que, como comandante da Fortaleza de San Carlos de la Cabaña, terá estado envolvido em 120 fuzilamentos, nos primeiros meses da revolução cubana, decretados pelo tribunal revolucionário de Havana. Os investigadores contrários à glorificação messiânica de Che Guevara costumam, até, fazer referência a uma carta de 5 de fevereiro de 1959, na qual terá dito a um tal Luis Paredes López, de Buenos Aires, que “os fuzilamentos não são apenas uma necessidade do povo, mas também uma imposição desse povo.”

Todavia, quatro anos mais tarde, ao lado de Fidel Castro, em Cuba, concede uma entrevista a Jean Daniel, do *L'Express*

(25/07/1963), para se demarcar dessa imagem de revolucionário vingativo e desumano, assegurando “que não é possível destruir uma opinião com a força, porque isso bloqueia todo o desenvolvimento livre da inteligência.” E sobre a natureza do socialismo por que lutava, dizia, na mesma entrevista, que “o socialismo económico sem moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas ao mesmo tempo contra a alienação (...) Se o comunismo passa por alto os factos da consciência, poderá ser um método de repartição, mas já não é uma moral revolucionária.”



Indisfarçável é, contudo, a sua apetência pela luta armada para levar a revolução aos quatro cantos do mundo, razão pela qual abandonou Cuba, em 1965. Na cerimónia da criação oficial do Partido Comunista Cubano, Fidel Castro leu a carta de despedida de Che Guevara, em cuja mensagem afirmava que “outras terras do mundo reclamam a contribuição dos meus modestos esforços. (...) Levarei para os campos de batalha a fé que vocês me inculcaram.” Durante algum tempo deixou de ser notícia, muitos chegaram mesmo a anunciar a sua morte, mas em 16 de abril de 1967, numa carta aos povos do mundo, difundida pela Tricontinental, mais uma vez defende a ação armada para a instauração da revolução socialista: “Como poderíamos contemplar o futuro luminoso e próximo se dois, três, muitos Vietnams desabrochassem na superfície do globo, com sua cota de mortes e suas tragédias imensas, com seu heroísmo quotidiano, com seus golpes repetidos ao imperialismo, com a obrigação que lhe traz de dispersar

suas forças, sob o ódio crescente dos povos do mundo.”

No outono desse mesmo ano, Ernesto Guevara da la Serna seria capturado na garganta de Yuro e morto em La Higuera: morria o homem, nascia a lenda. Em Cuba, Che Guevara continua a ser idolatrado, não só com monumentos e iconografia diversa, mas também através do culto da sua personalidade, a ponto de milhares de crianças do ensino primário nas festas do partido gritarem “Pioneros del comunismo, seremos como el Che!” E na região boliviana onde o Che viveu a última de todas as suas aventuras, o povo erigiu um memorial a que ainda hoje chama “San Ernesto de La Higuera”.

Em 1997, as suas ossadas foram descobertas numa vala comum, em Vallegrande, a 50 kms de La Higuera, tendo sido trasladadas para Cuba no mesmo ano. Os seus restos mortais mereceram funeral com honras de Chefe de Estado, na presença de familiares e de Fidel Castro. Em Santa Clara, na província do mesmo nome, foi edificado um mausoléu ao homem que quis sublevar a América Latina contra o imperialismo, a exploração capitalista e as oligarquias fascistas que agrilhoavam as populações a ciclos intermináveis de pobreza e analfabetismo.

Ernestito, conforme o tratavam familiarmente, foi um dos muitos jovens latino-americanos que julgou possível a instauração da justiça social, não só no seu continente, mas também um pouco por todo o mundo. No caso de Che, chegou a ser uma espécie de embaixador itinerante da revolução cubana por países da Ásia e da África. Simplesmente, o grande mito argentino, ao contrário doutros, ganhou um protagonismo extraordinário quando, com um punhado de homens audaciosos, tomou Santa Clara e, em consequência de tal assalto, o regime do ditador Bautista caiu (1 de janeiro de 1959).

E Cuba foi o seu único triunfo socialista, mas sonhou muitos mais, e até sonhou invadir a Argentina, o seu país natal... Morreu a lutar pelos seus ideais, e na última carta que enviou aos seus filhos Heldita, Aleidita, Camilo, Celia e Ernesto, disse-lhes: “O vosso pai foi um homem que atua conforme pensa e, sem dúvida, foi fiel às suas convicções.”

Principais fontes consultadas: Wikipédia, enciclopédias várias, e o artigo “Che Guevara Continua Vivo”, da autoria de A. Rodrigues, publicado em 13 de outubro de 1977, in *Barcelos Popular*.